

# O grave é que a corrupção é generalizada

Eduardo Brito e  
Antônio Machado

A população acredita que haverá 50 cassações no Congresso. A CPI fala em um número próximo a dez ou 15. O sr. acha que população no fim das contas vai ficar decepcionada com a CPI?

Eu gostaria de saber da população a razão de ser 50. Por que não 49? Que número é esse? É um número cabalístico? Nós não estamos preocupados se são 50, nem 200. Nós estamos preocupados que sejam quantos devam ser e que tenhamos a coragem moral, como eu tenho repetido sempre, de pôr a punição para quem deva no nosso entender receber e declarar a inocência dos que já pagaram um preço enorme a partir da divulgação de seus nomes como possíveis corruptos. Isso é que é importante. Então, é preciso ter primeiro uma dosagem que seja capaz de responder, não é só lambri, não é só peixe pequeno, não. Será peixe pequeno pegar um Genebaldo Correia, que era líder de uma das maiores bancadas partidárias na Câmara? Será que é peixe pequeno pegar um Ibsen Pinheiro, que figura ainda como uma das expressões simbólicas do Parlamento brasileiro? Quem é que querem? Estão querendo o Papa? Este está um pouco fora, está no Vaticano e não dá (risos). Sem falar em João Alves, que estava dentro do problema dos sete anões. Repara bem, não era lá que há dois anos se caracterizava a corrupção? Pelo menos esses estão sendo objeto de averiguação. Acho que não escapou um.

O sr. acha que a CPI precisa de prorrogação de prazo para concluir seus trabalhos?

Deus permita que não. Chega, já estamos batendo pino!

O esquema de corrupção no Orçamento só teve razão de existir com a conivência do Poder Executivo. A CPI não poderia penetrar mais nesta área? Não será uma falha incluir poucos nomes do Executivo nas convocações?

Não é bem uma falha. É um objetivo nosso. Só que nos depoimentos, nós não tivemos a pista, a não ser o próprio José Carlos, que era o assessor e depois foi guindado ao Ministério da Economia, na condição de chefe do Departamento de Orçamento da União (DOU). E ele aí fez o sujeito que bate o círculo e, de cabeça, faz o gol. Então, paramos ali. Houve uma referência ao Pedro Parente, que está no exterior. Ele nomeou o José Carlos dos Santos baseado em informações que o próprio Senado deu, o próprio senador Mauro Benevides. E você tem inteira razão. Não há corrupção que não seja de duas mãos. Quando há o corrompido, há o corruptor. Isso é uma tentativa que nós ainda devemos fazer, ouvindo ministros da época. O Ricardo Fiuza depois na condição também de ex-ministro. A ex-ministra Margarida Procópio deverá ser chamada. Aquelas duas assistentes dela (Valter Annichino e Ramon Arnus) já foram chamadas. O que se poderia pensar é que, no fim, o Tesouro é quem paga. Até porque a lei de meios, chama de Orçamento, é uma lei autorizativa. O Governo paga se quiser. Infelizmente, ficou muito centrado na figura de José Carlos, como sendo o principal responsável no Executivo por esse jogo de duas mãos. Talvez ainda surpreendamos aí alguém que está pensando que a CPI já morreu.

O esquema de corrupção das empresas pode ser chamado de um poder paralelo?

Eu não chegaria àquela hipótese que o senador Bisol levantou do poder paralelo. Parece ter havido algum equívoco. O trabalho do senador Bisol é um trabalho primoroso, porque mostrou coisas caríssimas. Mas, se nos detivéssemos num monólogo mais frio, nós vamos ver que aquilo é mais uma consequência do que uma causa. Porque as empresas, por exemplo, obtêm, como causa, emendas que são feitas e cujos autores de emendas, algumas vezes, são interessados em receber propinas de empresas que vão realizar a obra. Mas, quando a empresa vai realizar a obra e bate no Estado eu passei por quatro ministérios, um governo de estado e fui no governo de estado que eu descobri isso logo em 1964, se você paga à vista, e me parece que a Bahia está fazendo isso, você tem imediatamente uma redução de valores. Então, o empreendimento que faz o Governo, fazendo aquele tipo de investimento, no meu entender, está a causa. Porque paga com dificuldades, atrasado, numa inflação que agora, desgraçadamente, bate a casa dos 40 por cento este mês. Então, você imagina uma obra feita, realizada, a receber, e que vai se receber daqui a quatro, cinco, seis meses. Aí entra o jogo de influência dos poderes e quem já está calejado nisso coloca os valores superfaturados.

Valores retroativos...

É, você veja, por exemplo, que sacrificaram brutalmente o general Tinoco, que era ministro do Exército, em uma coisa que não tem a menor razão de atacar. Eu estava no Governo e vi. O que eles fizeram foram compras no volume de cem mil peças para pessoas que iriam prestar o serviço militar obrigatório. No mês de outubro, se eu não me engano,



Passarinho: PT e PDT não foram atingidos porque nunca tiveram o poder

para pagar em março. Aí o Tribunal de Contas não permite o embutimento da inflação. Foi esse o erro que o Tribunal de Contas considerou. Aí todo mundo gritou: "Superfaturamento!!!". Nesse ponto, talvez a área do Exército que comprou tenha se equivocado ou tenha tentado evitar uma especulação maior, que seria a renegociação dos valores ao longo das entregas de mercadorias. Agora, as empresas, as empreiteiras, elas estão jogando claramente nesse embutimento de inflação e no superfaturamento. É preciso ser muito insincero, quem diga, sobretudo numa eleição majoritária, que bancou do próprio bolso a sua campanha. Não há sujeito que possa bancar, a menos que seja um ricaço.

O diabo é que essa corrupção é generalizada. Se não quebrar a impunidade, este País ainda vai sofrer consequências muito graves

Você teria aqui ricaços como senadores, governadores ou presidentes da República. Ou então outros tipos de ajuda, e citei a própria declaração do Lula, onde ele disse: "A doação não compromete necessariamente". Então, você acha que o Lula, com os vencimentos que ele tem, pagos pelo sindicato ou pela CUT, é capaz de bancar uma eleição? Eu acho a emenda um ato legítimo de representantes do povo e do seu estado. A menos que o que venha do Governo Federal não deva ser tocado.

Alguns parlamentares admitem que sabiam da existência da corrupção no Congresso, mas se dizem impressionados com os números. O sr. está nesta situação, também?

Depende. Eu vi já essa declaração e de saída fiquei pensando que só o João Alves é capaz de movimentar cem milhões de dólares só na Caixa Econômica. Fiquei impressionado com a sorte dele. (risos) Agora, se você, ao mesmo tempo, presta atenção em uma safra de mais de 60 milhões de toneladas, você perder 20 toneladas, quanto isso significa? Eu diria que, infelizmente, a corrupção ficou generalizada. Aí vocês divulgam "Furo no FGTS", "Escândalo da Previdência Social". Será que são menores em valores absolutos? Eu não sei, não. Tenho a impressão de que não são menores, por-

que a faixa que os congressistas têm dentro do Orçamento é pequena. Se tudo fosse perfeito no Executivo, seria ótimo. A gente acabaria com isso aqui. O diabo é que essa corrupção tem sido, infelizmente, generalizada. Se não houver quebra da impunidade, desse ciclo de impunidade, nós ainda vamos ter consequências muitos graves no País.

Em pelo menos um episódio houve obstáculos no Poder Executivo para as investigações. O fato ocorreu com o deputado Robson Tuma (PL-SP), que tentava fazer diligências no DNER. O senador Bisol reclamou, também, da demora em se obter dados referentes aos ministros Henrique Hangreaves e Margarida Procópio. O Executivo não tem dificultado o trabalho da CPI?

No caso do DNER, eu fiz um ofício ao ministro. A versão que o diretor do DNER deu, choca-se com a versão dada pelos deputados e eu não tenho razão de não acreditar nos deputados. Mas parece que faltou alguma habilidade por parte da secretaria direta do dirigente do DNER. Realmente, quando os deputados chegaram lá, ele estava tendo um encontro com um general do Exército, cuja função era tratar desse problema de estrada. Ele não devia interromper. Ele poderia ter dito aos deputados que imediatamente seriam recebidos. Faltou esse elo. E como eles esperaram, sem nenhum tipo de satisfação, segundo eles, foram embora. Eu comuniquei ao ministro e ele me deu uma resposta elegante, desculpando-se, mas achando talvez que tivesse havido uma impaciência por parte dos deputados. No caso do senador Bisol, ele não me comunicou oficialmente. Eu tomei conhecimento por vocês, da imprensa, e quando eu quis tomar providências, ele me disse que as declarações da Receita Federal estavam chegando. Eu disse "eu telefono para o presidente da República e obtenho diretamente dele". O Presidente se comprometeu conosco. Eu levei à Mesa, o vice-presidente Odacir Klein e o senador Pedro Simon, e ele se colocou inteiramente à nossa disposição. Eu não posso dizer que nesses 60 e poucos dias em que estamos fazendo investigações, tenha havido resistências a não ser na busca e apreensão na casa do João Alves. Aí houve uma resistência dos advogados. O delegado da Polícia Federal me telefonou, avisando que ele iria cumprir a missão de qualquer maneira e os advogados correram para o Supremo e entraram com a liminar e a liminar foi negada. Então nós tivemos a apreensão dos documentos, alguns valiosos. Nós desfizemos uma trama, uma farsa. Eu tinha recebido no dia 9 uma carta datilografada mencionando Ulysses Guimarães, Sigmaringa, todo mundo. Embaixo, a assinatura do José Carlos. Eu tenho aqui uma carta que ele escreveu naquela simulação de suicídio. Eu peguei a assinatura e comparei com a tal carta. Esse J do José Carlos era razoavelmente imitá-

vel. O resto era visivelmente falso. Então, agora com a busca, nós encontramos com a mesma letra do João Alves, a mesma carta, só que não está assinada. O que para nós foi um elemento precioso, pois foi uma coleta de prova contra ele mesmo, resguardando a CPI.

Agora que os trabalhos estão em fase adiantada, qual a avaliação política que o sr. faz? O PT é o grande beneficiário da CPI?

Eu não faria a apreciação partidária. Eu diria que, se a CPI cumprir o seu papel, o grande beneficiário será o sistema representativo da democracia. Eu digo representativo, porque nós não podemos mais fazer tentativas diretas. Não

Falar em meu nome agora para Presidente é querer acabar a respeitabilidade que tenho na direção da CPI. Isso não passa pela minha cabeça

dá mais. Isso já está sepultado pela experiência helênica de muitas e muitas centenas de anos. De modo que só existe uma possibilidade na democracia: É eleger os seus representantes. Se houver completa descrença nestes representantes, a democracia está condenada à morte. Esse é o que eu considero o papel fundamental nosso. Não houve um deputado do PT que foi se servir do fundo lá do sindicato? Então, é preciso dar a primeira oportunidade enquanto o sujeito está na planície, sem oportunidade de ser testado na sua conduta, não tem problema. Depois, é que eu acho que sim. Eles dizem assim: "O senhor não acha que está trabalhando para que o Lula ganhe? (risos). Em primeiro lugar, eu não sei se o Lula ganhará. Repare que será um fenômeno fantástico. O Lula como líder sindical, se eu não me engano, começou por uma revista. "Lula, o Metalúrgico". Bom, aí começou a história. Lula cresceu, tem seu valor, indiscutivelmente. Mas, o Lula, na área sindical, não chegou a uma federação. Menos ainda, não chegou ao principal sindicato de sua categoria, que é o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Sempre perdeu para o Joaquim, perdeu para o Medeiros. A carreira política do Lula é realmente impressionante, por que o seu

partido tem um senador em 81 e 30 e tantos deputados em 503 e ele, isoladamente, é um favorito. Por quê? Porque a Igreja, a chamada Teologia da Libertação, está com ele. A inteligência nacional está com ele. As universidades, os alunos, etc, e uma boa parte dos operários, que é onde ele não tem unanimidade. A CUT, que muitos dizem que é, aliás, que o PT é o braço político da CUT, mas a CUT tem do outro lado outras duas centrais sindicais, uma bem menor, mas a outra é capaz até de competir. Mas, já na área da inteligência brasileira, ele domina a coisa. Então, você verifica que o problema do Lula é a projeção pessoal dele na caracterização do candidato que ninguém foi capaz até agora de dizer que ele furtou ou roubou ou manchou-se. E o episódio da filha dele, da filha extra-matrimonial, está vencido, está sepultado. Daí, talvez esse favoritismo. E como o seu grupo é um dos mais atuantes na CPI, cresce a importância dele na mídia.

O nome do senador Passarinho já foi relacionado entre os políticos com condições de chegar à Presidência da República. O sr. se sente estimulado a lançar uma candidatura, depois do seu trabalho na CPI e de uma longa experiência de vida pública?

Olha, este senador a que você está se referindo, em 1969 foi praticamente escolhido sucessor natural do presidente Costa e Silva, que estava mortalmente doente. Médici comandava o III Exército. Isso está no livro do Daniel Krieger. O Krieger foi chamado pelo General Médici, que gostava muito de mim e aceitou essa coisa fantástica que me dá mais admiração pelo Krieger, que era ele ser vice meu numa chapa que o general Médici imaginava que podia ser uma chapa de grande sucesso para a Revolução. O Krieger aceitou. Ele já era um guru e eu era apenas um jovem de 40 e poucos anos que estava iniciando a vida política. Então, veja a grandeza do Krieger. Isso esbarrou no Alto Comando do Exército naquela época e tem aquela frase até hoje atribuída ao general Orlando Geisel, que teria dito: "Gosto muito do Passarinho, tenho muita admiração por ele, mas não faço continência para coronel". Então, essa é a primeira passagem. A segunda passagem é quando o presidente Médici assumiu e me entregou o bastão. Entregou um maço de cigarro, não entendi bem o que era. Eu desdobrei o maço, pois pensei que era alguma coisa escrita. Ele disse: "Me dê de novo. Eu quero lhe passar o bastão". Isso foi prejudicado, porque nessa altura eu era considerado um homem suspeito por uma direita radical, que se encontrava na comunidade de informações. Houve até quem dissesse que eu era um esquerdista infiltrado na revolução. Depois, a última oportunidade veio na sucessão de Figueiredo. Foram ao presidente Figueiredo e disseram que precisariam fazer um esforço para obter a renúncia do Maluf e que o Andreazza renunciaria se fosse em meu favor. O Figueiredo teria dito: "Vocês vão falar com o Maluf, mas não usem o meu nome". Aí os governadores disseram: "Bom, se ele deixar, nós queremos falar com o sr. sobre candidaturas" e teriam apresentado três nomes. O general Rubens Ludwig, que tinha a grande inconveniência de ser um general de duas estrelas, que era criado um problema de hierarquia no Alto Comando. Tinha o Costa Cavalcante, que estava em Itaipu, mas já estava longe do Congresso bastante tempo, e tinha o ministro Jarbas Passarinho, que estava bastante ligado ao Congresso, do qual ele tinha sido presidente. Esse foi o argumento que eles usaram. O presidente Figueiredo, teria calado e então esbarraram na resistência do Maluf, que não aceitou. Então, meu amigo, não vai ser agora. Quando falam, agora, em Jarbas Passarinho para presidente da República, estão querendo acabar com a respeitabilidade que eu tenho na direção da CPI. Isso não passa pela minha cabeça

A candidatura do Maluf, que bem ou mal está colocada dentro do PPR, pode ser afetada também pela CPI?

Não, porque o João Alves era PFL histórico e aí veio para nós. Trinta dias antes ele veio para o PPR por causa do Maluf. Meu amigo Paulo Maluf, para fazer uma boa bancada trouxe também o João Alves. Aí, o João Alves não ganhou na loteria não, foi convencido a vir para o partido (risos). O outro que está em dúvida é o líder do partido na Câmara, meu amigo José Luiz Maia. Isso pode afetar, realmente, o partido. Mas quando afeta o partido, não afeta todos os órgãos do partido, todas as figuras do partido. Você vê que nosso Esperidião Amin, presidente do partido, está aí, intocável. E para mim, é uma alternativa na hora de se fazer uma composição.